

**UNIVERSIDADE TIRADENTES
PSICOLOGIA**

**FERNANDA CARDOSO ARAGÃO
LUANA SANTANA SANTOS**

**HERÓIS DE BRUMADINHO: IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DOS BOMBEIROS
DE SERGIPE QUE PARTICIPARAM DO RESGATE AS VÍTIMAS**

**Aracaju-SE
2019**

FERNANDA CARDOSO ARAGÃO
LUANA SANTANA SANTOS

HERÓIS DE BRUMADINHO: IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DOS BOMBEIROS
DE SERGIPE QUE PARTICIPARAM DO RESGATE AS VÍTIMAS

Aracaju-SE
2019

FERNANDA CARDOSO ARAGÃO
LUANA SANTANA SANTOS

HÉRÓIS DE BRUMADINHO: IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DOS BOMBEIROS
DE SERGIPE QUE PARTICIPARAM DO RESGATE AS VÍTIMAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Psicologia da Universidade
Tiradentes, como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr. Jamile Santana Teles (Orientadora)

Msc. Dayanne Souza Figueiredo

Msc. Andreia Santana Felício

RESUMO

A escolha profissional do bombeiro é também uma forma de estilo de vida, escolha com a qual se identifica e que se dispõe a realizar diariamente, encontrando-se, em diversos contextos para salvaguardar a vida de terceiros, além de defender cidadãos diante de emergências e atuar em casos de desastres, pondo em risco a sua vida em prol do bem estar e segurança da população. Tendo em vista as particularidades do trabalho realizado por este profissional em situações de desastres, essa pesquisa teve como objetivo geral compreender quais os impactos psicológicos em bombeiros militares decorrentes da sua atuação, como o desabamento da barragem na cidade de Brumadinho/MG, no ano de 2019. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com 4 bombeiros militares de Sergipe que atuaram no resgate as vítimas. Na coleta de dados foi utilizada a entrevista semiestruturada e rodas de conversa, a partir disto foram analisadas as falas dos entrevistados por meio de estudos da Psicodinâmica do Trabalho e Pressupostos da Clínica do Trabalho. De acordo com a análise das entrevistas foi possível identificar três categorias muito presentes em suas falas: o Impacto emocional do desastre, Valorização Profissional, e Relações de Trabalho. Foi observado que os mesmos apresentam diversas estratégias defensivas, como forma de evitar o sofrimento patogênico, além de sentimentos de satisfação, utilidade e sentido com o trabalho ali realizado. Por outro lado, foram observados também a presença de sentimentos como medo, cansaço, tristeza, ansiedade, pesadelos constantes após o desastre, desvalorização profissional, indicadores estes de sofrimento psíquico. Nesse sentido por meio da pesquisa, foi evidenciado assim a importância da atuação psicológica nesse contexto, com construção de ações de prevenção de saúde, evitando assim a cronificação e patologização do sofrimento psíquico. Assim como a necessidade de ações de suporte e acompanhamento psicológico ofertados por Centros de Referência de Saúde do Trabalhador.

Palavras-chaves: Bombeiros. Desastres Ambientais. Aspectos Psicológicos.

ABSTRACT

The professional choice of the fireman is also a form of lifestyle, a choice with which he identifies himself and who is willing to perform daily, finding himself, in various contexts to safeguard the lives of third parties, besides defending citizens in the face of emergencies and act in disaster cases, endangering their lives for the well-being and safety of the population. Given the particularities of the work done by this professional in disaster situations, this research aimed to understand the psychological impacts on military firefighters resulting from his work, such as the collapse of the dam in the city of Brumadinho / MG, in the year of 2019. A qualitative research was conducted with 4 military firefighters from Sergipe who rescued the victims. In the data collection was used the semi-structured interview and conversation wheels, from this were analyzed the statements of the interviewees through studies of Psychodynamics of Work and Assumptions of the Labor Clinic. According to the analysis of the interviews, three categories that were very present in their speeches were observed: the Emotional Impact of Disaster, Professional Appreciation, and Labor Relations. It was observed that they have several defensive strategies, as a way to avoid pathogenic suffering, was also perceived feelings of satisfaction, usefulness and meaning with the work done there. On the other hand, the presence of feelings such as fear, tiredness, sadness, anxiety, constant nightmares after the disaster, professional devaluation, indicators of psychological distress were also observed. In this sense through the research, it was thus evidenced the importance of psychological action in this context, with the construction of health prevention actions, thus avoiding the chronification and pathologization of psychological distress. As well as the need for support and psychological follow-up actions offered by Occupational Health Reference Centers.

Keywords: Firefighters. Environmental Disasters. Psychological aspects.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
2.1 A História dos Bombeiros	9
2.2 Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Sergipe	10
2.3 O Ser Humano por Trás da Farda: Quem salvaguarda a vida dos bombeiros?	12
2.4 Desastres Ambientais	14
2.4.1 Desastre e a Defesa Civil	14
2.4.2 Samarco em Mariana e Vale em Brumadinho: desastres em barragens de mineração e Saúde Mental dos Atingidos	16
2.5 Desastres e Atuação Militar: Aspectos Psicológicos	19
3. OBJETIVOS GERAIS E ESPECIFICOS	25
3.1 Objetivo Geral	25
3.2 Objetivos Específicos	25
4. MÉTODO	26
4.1 Delineamento do Estudo:	26
4.2 Amostra	26
4.3 Local	26
4.4 Critérios de Inclusão e Exclusão	26
4.5 Instrumentos	26
4.6 Análise Dos Dados	26
4.7 Procedimentos	27
4.8 Aspectos Éticos	27
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	29
5.1 Nuvem de Palavras mais predominantes	30
5.2 Tabela – Frequência de Sentimentos Apresentados pelos Entrevistados	30
5.3 Impactos Emocionais do Desastre	31
5.4 Valorização Profissional: Ser Herói	36
5.5 Saúde Mental e Relações de Trabalho	37
5.6 Acompanhamento Psicológico	38
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	43

1. INTRODUÇÃO

O trabalho é uma parte constituinte do sujeito, é a partir dele que são estabelecidas diversas relações sociais. É possível observar que neste espaço o indivíduo desempenha diversas funções, fazendo com que sua profissão torne-se parte de sua identidade, influenciando, portanto, na forma como ele se relaciona e desempenha seu papel dentro da estrutura familiar ou em outros aspectos da sua vida. Quando se trata de uma profissão aonde há uma grande exigência física e psicológica percebe-se uma relação estreita entre amor e sofrimento, como é o caso de profissionais militares, mais especificamente os bombeiros, que irão ser o alvo de estudo desse trabalho.

A atuação do bombeiro engloba diversos contextos e são nesses cenários que podem ocorrer o adoecimento psicológico desses profissionais, seja por pressões do ambiente laboral, ou seja por lidar diretamente com o sofrimento do outro em meio a perigos e riscos que ali circundam. Em situações extremas como desastres ambientais, os profissionais envolvidos no resgate as vítimas vivenciam também o cenário de sofrimento intenso e coletivo, já que a capacidade humana de empatia permite que o sujeito seja tocado pelo sentimento de seus comuns, podendo torná-los vítimas indiretas. Além de ser uma demanda que exige rapidez na escolha da ação que irá ser tomada, aumentando o estado de alerta desse sujeito, que poderá propiciar o surgimento de uma ansiedade exacerbada.

Em pesquisa feita por López-Araujo (2008), com as Forças Armadas Espanholas, foi constatado que ao longo de um conflito armado, há diversos eventos potencializadores de sofrimento emocional, dentre eles destacam-se longos turnos de trabalho, estado de alerta exarcebado, morte ou acidente com colegas de trabalho em serviço, preocupação constante com riscos inesperados, entre outros. A exposição prolongada a ambientes consideráveis degradantes para o ser humano, podem levar o sujeito a transtornos psíquicos significativos que vão de agudo a severo. Assim bombeiros e outros profissionais que atuam em situações de emergência possuem maior vulnerabilidade a ansiedade, estresse, doenças e condições patológicas que podem gerar um grande sofrimento psíquico.

Nesse sentido, dada a importância de discutir sobre tal temática, o presente trabalho aborda a atuação dos bombeiros militares do Estado de Sergipe que participaram da operação do desastre de Brumadinho, buscando compreender as diferentes atitudes e percepções dos bombeiros que atuaram naquele cenário e constatar, através de entrevistas, possíveis efeitos

psíquicos, seja a presença de sintomas ou traumas que evidenciem a necessidade de acompanhamento psicológico. Dessa forma, compreender tais aspectos contribui de forma significativa no intuito de diminuir fatores de risco e potencialização de cuidados, na proteção nas atividades laborais de bombeiros que atuam em condições adversas e caóticas.

Além disso, foi possível também verificar se houve algum tipo de acompanhamento e/ou intervenção psicológica no pré e pós-desastre, visto que tal acompanhamento pode ser considerado fator importante no trabalho em situações de catástrofes, sendo necessárias ações de suporte ofertado nos locais e acompanhamento de Centros de Referência de Saúde do Trabalhador. Evidenciando assim a importância e efetividade da atuação psicológica nesse contexto, com construção de ações de prevenção de saúde, evitando assim, a cronificação do sofrimento psíquico.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A História dos Bombeiros

Os primeiros relatos de táticas para conter incêndios ocorreram na Roma antiga onde existia uma patrulha para impedir a queima em grande escala. Esse grupo “primitivo”, do que viria se tornar uma profissão essencial para sociedade moderna, foi formado no império de Augusto, em 27 a.c, chamado “vigiles”, constituído por 600 escravos. Os métodos utilizados pelos vigiles eram marcados pela precariedade, tanto que durante o Império de César Augusto Germânico ou Nero Claudius Casear Augustus, um grande incêndio durou sete dias destruindo quarteirões em uma grande região de trabalhadores romanos (BMRS, 2010).

O sistema de escravos bombeiros era composto por devedores de impostos ou civis que tinham cometido algum tipo de crime, funcionou até o ano VI d.C, quando Augusto Germânico reorganizou o corpo de Bombeiros, criando um departamento melhor entrosado e organizado, buscando entender as necessidades e o prestígio de uma grande cidade (CBERJ, 2007). Na Europa, em Oxford, de acordo com relatos históricos, em 872 houve a existência de um regulamento de proteção contra incêndios, onde constatava um sinal de alerta para avisar o aparecimento de queima em grande escala.

Por volta de 1715 em Massachusetts, os sistemas de defesa contra fogo contavam com a participação da população, que caso não ajudasse poderia ser multada pelo chefe dos Bombeiros (KATIA, 2013, p.19). A organização de proteção social a incêndios contava com a participação de cidadãos para conter o fogo com a utilização de baldes e latas com água para jogar no fogaréu, mas sempre com a supervisão dos profissionais. Porém esse método de “mão em mão” expirou depois da criação da bomba hidráulica, permitindo o deslocamento de água direto para o local necessário. Depois da utilização da bomba aconteceu uma evolução nos métodos de trabalho possibilitando melhores resultados, levando os profissionais das organizações serem chamados de Bombeiros, devido a bomba que vem do latim “bombus”, que significa “ruído grave e forte”.

A origem de grupos especializados no Brasil para o extermínio de incêndios está associada aos incêndios que ocorreram no Rio de Janeiro em 1710 na Alfandega. Mas apenas só no estado do Rio de Janeiro, em 1783, o Conde da Cunha baseado na experiência que os homens do mar tinham de apagar incêndios em embarcações destinou ao Arsenal de Marinha a responsabilidade de extinguir os incêndios (MATTOS, 2006, apud KATIA, 2013).

A separação do corpo de Bombeiros da companhia marítima só foi dada em 1983, por resultado da fundação da secretaria do estado de Defesa Civil. Em 1983, sob o Comando interino do primeiro Oficial Bombeiro Militar, Coronel José Halfed Filho, foi realizada a fusão da Defesa Civil e do Corpo de Bombeiros com a criação da Secretaria de Estado de Defesa Civil. A justificativa foi pautada na necessidade de ampliação do campo de atuação de ambas as áreas. Em consequência desta fusão o Corpo Marítimo de Salvamento foi extinto e as suas atribuições passaram a ser responsabilidade do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro (CFAP– CBRJ, 2008, apud KATIA, 2013, p.23).

No final do século XX ocorreram acontecimentos que se tornaram marcantes, neste período já havia o auxílio da tecnologia televisiva produzindo um grande alcance midiático, desta forma, gerou-se naquele momento uma grande comoção no Brasil, e com isso a criação do grupo de socorristas, o famoso GSE em 1986. A criação deste grupo ocorreu no mesmo ano (1986) do incêndio do Edifício Andorinha, localizado no centro comercial e financeiro, sendo um evento marcado por 20 mortos e 50 feridos. A atividade de remoção de cadáver pelo Corpo de Bombeiro ficou marcada após a "Tragédia do Bateau Mouche", uma embarcação que afundou na noite de réveillon de 1988, ocasião que exigiu o trabalho de recolhimento de corpos submersos à Baía de Guanabara (KATIA, 2013).

2.2 Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Sergipe

Todas as informações que constam nesse item tiveram como referência o site oficial do corpo de bombeiros do Estado de Sergipe, onde está toda a história, missão, estrutura organizacional, Unidades Operacionais e etc, que serão apresentados aqui como forma de contextualização para o entendimento do seu funcionamento e da sua atuação.

O Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Sergipe foi criado em 1º de outubro de 1920, sob o nome seção de “Sapadores-Bombeiros”, anexa à Polícia Militar do Estado através do decreto 791 do então presidente da província, doutor J.J. Pereira Lobo. Nos registros históricos, é relatado que a principal motivação para criação da instituição, se deu pelo fato de naquele mesmo período ocorrer um incêndio de grande proporção no centro da capital, havendo destruição completa da loja “Casa Celeste”. Suas chamas foram debeladas por policiais militares, tripulantes do Vapor Taquari e diversos moradores que impediram a propagação do

fogo aos estabelecimentos vizinhos. A partir desse acontecimento, evidenciou-se a necessidade de criação de uma instituição que se responsabilizasse por tais acontecimentos.

No período de 1920 a 1935, a então denominada “Seção de Bombeiros” foi incorporada à Força Pública do Estado, constituída pela polícia militar. De 1936 a 1984 esteve sob a administração do governo municipal, ainda no ano de 1936, o Ato nº 87, de 29 de novembro daquele ano, assinado pelo Prefeito de Aracaju, Godofredo Diniz, cria a Companhia de Bombeiros, com efetivo fixado em 63 homens. Em novembro de 1955, na administração do prefeito José Conrado de Araújo, através Lei nº 58, de 07 de outubro de 1955 - Lei Orgânica Supletiva e Reguladora e a Lei nº 73, de 21 de novembro do mesmo ano, a companhia é transformada em Corpo de Bombeiros Municipal de Aracaju com comando escolhido e nomeado pelo prefeito, com sede no atual QCG/CBMSE.

Em 1973, o Decreto nº 2005, de 15 de fevereiro daquele ano, cria uma comissão de estudos de viabilidade para a integração do Corpo de Bombeiros Municipais a Polícia Militar do Estado. Em 1984, através decreto lei de absorção dos recursos humanos e materiais, o governador da época Dr. João Alves Filho, determinou que o Corpo de Bombeiros, até então municipal, fosse incorporado a Polícia Militar do Estado. Em 23 de dezembro de 1999, por força de Lei nº 4.194 de 23 de dezembro de 1999 no governo de Albano Franco, a corporação adquiriu autonomia administrativa, desvinculando-se da Polícia Militar, tornando-se dessa forma, diretamente subordinada à Secretaria de Segurança Pública. Foi ainda, nesse ano que o Corpo Feminino foi incorporado na instituição. A Lei nº 5.653, de 16/05/2005, passa a prever que o efetivo do CBMSE seja fixado em 1.193 Bombeiros Militares. Porém, em 2005, sob o comando do Cel QOBM Reginaldo Santos Moura, o efetivo existente era de 600 militares (CBMSE, 2019).

O Corpo de Bombeiros de Aracaju é uma Corporação Organizada, sua hierarquia é militar e subordinada ao Prefeito da região, é destinada principalmente à extinção de incêndios, também colabora na manutenção da ordem pública e auxilia igualmente a população na ocasião das chuvas torrenciais, causadoras de inundações e desabamentos. “O Comando é da livre escolha e nomeação por Ato do Prefeito e de conformidade com a Lei nº 08 de 25 de fevereiro de 1955, podendo ser exercido, por oficial do Exército, da Polícia Militar ou oficial superior da própria Corporação” (CBMSE, 2019).

As Unidades Operacionais compõem: 1º Subgrupamento Bombeiro Militar (SGBM) do 1º GBM - Centro, Aracaju/SE. Grupamento de Busca e Salvamento (GBS) - Coroa do Meio,

Aracaju/SE. O GBS é formado por um Subgrupamento de Busca e Salvamento Aquático (SGBSA), composto por guarda-vidas e mergulhadores, e por um Subgrupamento de Busca e Salvamento Terrestre (SGBST) ou Posto Avançado, responsável por ações de combate a incêndio, resgate e salvamento. 2º Subgrupamento Bombeiro Militar (SGBM) do 1º GBM – Nossa Senhora do Socorro/SE. 2º Grupamento Bombeiro Militar (GBM) – Estância. 2º Subgrupamento Bombeiro Militar (GBM) -Lagarto/SE. 1º Subgrupamento Independente Bombeiro Militar (SGIBM) -Itabaiana/SE. 2º Subgrupamento Independente Bombeiro Militar (SGIBM) -Propriá/SE. Centro de Suporte em Comunicação do CBMSE – CESC, Aracaju – SE. O CESC/CBMSE é parte integrante do Centro Integrado de Operações de Segurança Pública (CIOSP).

2.3 O Ser Humano por Trás da Farda: Quem salvaguarda a vida dos bombeiros?

A escolha profissional do bombeiro é uma forma de estilo de vida, escolha com a qual se identifica e que está disposto a conviver diariamente, tendo em vista sua responsabilidade em relação a si mesmo e principalmente com a sociedade, colocando sua vida em risco em prol do bem-estar e segurança da população. A profissão por se tornar também uma identidade do indivíduo, tem influência na forma de relacionamento, de formação de grupos e pares com quem o profissional estabelece relações. Tem influência direta na questão familiar, e até mesmo de estruturação e funcionamento da família, uma vez que cada um tem seu papel e função no grupo familiar. O respeito e o cumprimento das regras da organização podem acabar padronizando o comportamento dos sujeitos que ali trabalham em diversos aspectos de sua vida (MORFIM, 2012).

O bombeiro é um dos profissionais em quem a população confia e deposita suas melhores expectativas, uma espécie de idealização de salvador, e sem perceber que antes do profissional que salva, o bombeiro é um ser humano com sentimentos, dúvidas, angústias e medos, como qualquer pessoa, que está sujeito ao erro, e que nem sempre conseguirá salvar a vida das pessoas que irão atender. Sendo assim esta é uma profissão muito exigida física, emocional, psicológica e socialmente, e por meio disto percebe-se o amor e o sofrimento envolvidos no dia a dia desses trabalhadores, o que torna esse trabalho ora uma paixão, ora um verdadeiro esforço pela sobrevivência (CAPITANEO, et al, 2015).

Estas concepções foram desenvolvidas frente à atuação profissional do bombeiro, a qual, talvez devido às características peculiares apresentadas, ou pelo seu caráter de auxílio e proteção, ou ainda por estar subordinada ao rígido regime militar, encontra-se permeada por uma série de ideias que evocam e exalta o heroísmo, a força, o auxílio, a coragem, enfim, adjetivos que circundam de mitos e fantasias um trabalho legítimo, exercido por homens concretos, que lidam cotidianamente com situações reais e verdadeiras (MORFIM, 2012).

Neste contexto, os recursos midiáticos desempenham um importante papel, uma vez que ajudam a divulgar e a transmitir a imagem desta profissão como sendo exercida por super-heróis. Exemplos clássicos desta situação são frequentemente encontrados em reportagens de jornais e revistas, tais notícias revelam e ilustram claramente o papel da mídia na mitificação do trabalho dos profissionais bombeiros, implicando na criação de sua imagem profissional. A mídia procura valer-se de recursos para validar suas concepções, assim, traz o discurso científico como forma de legitimar suas notícias (CAPITANEO, et al, 2015).

2.4 Desastres Ambientais

2.4.1 Desastre e a Defesa Civil

Segundo a Organização Pan Americana da Saúde (OPAS), desastres são a soma de condições de vulnerabilidade socioambiental com a desigualdade social, econômica e social, sendo refletida em catástrofes com repercussões ainda maiores em países pobres, “embora enchentes e inundações aconteçam em todo o planeta, 95% das pessoas que morrem em consequência desses eventos estão concentradas nos países com baixa renda per capita” (ROCHA, 2016).

No Brasil, a Defesa Civil começou a ser cunhada em 1942, inicialmente por motivos de desastres em situação de guerra e posteriormente em função de desastres naturais. Atualmente tem sua sede no Ministério da Integração Nacional, estrutura-se em sistemas abertos e conta com a participação dos governos municipais e da população desenvolvendo ações de prevenção e de situações após-desastres (BRASIL, 2017).

A COBRADE divide os desastres em dois grandes grupos; os naturais e os tecnológico: (BRASIL, 2016)

Naturais: geológicos (terremotos, erosão e movimento de massa), hidrológicos (enxurrada, alagamentos e inundações), meteorológicos (ciclones, geadas e tempestades, entre outros.), climatológicos (secas, estiagem, entre outros.) e biológico (epidemias, infestações e pragas).

Tecnológicos: acidentes com substâncias radioativas, com produtos perigosos, incêndios urbanos, acidentes em obras civis (rompimento de barragem), e o desastres relacionados a transporte de passageiros e cargas não perigosas (aeroviário, ferroviário, rodoviário e marítimo).

A proteção e defesa civil são constituídas pela Lei n. 12.608, de 10 de abril de 2012, conforme a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil – PNPDEC, dispoendo sobre o Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil – SINPEDEC, formado por órgãos multissetoriais atuantes em todo o território nacional, e o Conselho Nacional de Proteção e Defesa Civil – CONPDEC, que objetiva autenticar a criação de sistemas de informações e monitoramento de desastres (BRASIL, 2012).

Para que ocorra o decreto de emergência, há uma classificação que o sistema nacional utiliza que é a chamada Codificação Brasileira de Desastre (COBRADE). A partir desta o Sistema Nacional da Defesa Civil é posto em funcionamento. O COBRADE é adaptado a realidade do Brasil e também foi construída de acordo com a classificação internacional de desastres definida pela ONU (BRASIL, 2016).

Quadro 1: Quadro conceitual da Codificação Brasileira de Desastres - COBRADE

Termo	Definição
Desastre	Resultado de eventos adversos, naturais ou provocados pelo homem sobre um ecossistema vulnerável, causando danos humanos, materiais ou ambientais e consequentes prejuízos econômicos e sociais.
Situação de emergência	Situação anormal, provocada por desastres, causando danos e prejuízos que impliquem o comprometimento parcial da capacidade de resposta do poder público ao ente atingido.
Estado de calamidade pública	Situação anormal, provocada por desastres, causando danos e prejuízos que impliquem o comprometimento substancial da capacidade de resposta do poder público ao ente atingido.

Fonte: BRASIL, 2010a p. 1.

Em relação as ações previstas estão: Ações de socorro, as quais objetivam socorrer de imediato a população atingida; Ações de assistência às vítimas, são destinadas a garantir condições de integridade e cidadania aos atingidos. Ações de restabelecimento de serviços essenciais, estas são emergenciais e destinadas ao restabelecimento das condições de segurança e habitação da área atingida. Ações de reconstrução, que visam o restabelecimento do cenário destruído pelo desastre. E por fim as Ações de Prevenção, destinadas a reduzir a ocorrência e a intensidade de desastres, por meio da identificação, mapeamento e monitoramento de riscos, ameaças e vulnerabilidades locais (BRASIL, 2010).

Segundo a ONU os países devem fazer adaptações específicas de modo a unir todos os setores para a execução dos planos classificados como prioridade, que são: compreender os riscos e desastres; fortalecer a governança para a gestão de risco; intervir na redução de risco para a resiliência; e aumentar a preparação para resposta eficaz no âmbito da reabilitação e da construção (ONU, 2015b). No documento é ressaltado a importância dos países na prevenção e redução dos riscos em desastres, sendo a responsabilidade compartilhada entre os governos

centrais, e instituições, legislativas e de execução, devendo estas participarem das ações. Sendo exposto ainda, a importância das políticas e do trabalho multissetorial neste contexto, além da participação da sociedade na colaboração e participação das ações. No Brasil, houveram 344 cidades comprometidas com a proposta de construir cidades resilientes. Trata-se de cidades ao mesmo tempo em que são público alvo, também são agentes responsáveis por desenvolver a campanha (BRASIL, 2015).

Neste contexto dos desastres, levando em conta a saúde mental dos envolvidos, a formação e atuação do psicólogo, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) criou no ano de 2006 a Comissão Nacional de Psicologia nas Emergências e Desastres propondo a discussão do papel do profissional psicólogo em situações de desastre, estando de acordo com políticas públicas da Defesa Civil e demais legislações específicas. Em 2013 o CFP publicou uma nota técnica sobre o tema “Atuação de psicólogos em situações de emergências e desastres, relacionadas com a política nacional de Defesa Civil” (CFP, 2013) que traz importantes esclarecimentos sobre a atuação do profissional nestas situações referidas.

Considerando o contexto de saúde o Sistema Único de Saúde (SUS) deve estar preparado para situações de desastre, bem como em suas estratégias para a prevenção e atuação pós-desastre uma vez que tais incidências podem, a curto e/ou médio prazo, interferir tanto na saúde física quanto na saúde mental das pessoas que estão direta ou indiretamente envolvidas no desastre (FREITAS et al, 2016).

2.4.2 Samarco em Mariana e Vale em Brumadinho: desastres em barragens de mineração e Saúde Mental dos Atingidos

O Rio? É doce. A Vale? Amarga. Ai, antes fosse Mais leve a carga. Entre estatais E multinacionais, Quantos ais! A dívida interna. A dívida externa A dívida eterna. Quantas toneladas exportamos de ferro? Quantas lágrimas disfarçamos sem berro? (Carlos Drummond de Andrade)

No dia 25 de janeiro de 2019, na cidade de Brumadinho, Estado de Minas Gerais, foi noticiado o rompimento da barragem de rejeitos da mina Córrego do Feijão, da mineradora Vale S.A (Sociedade Anônima). Logo no primeiro dia contabilizou-se que aproximadamente 13 milhões de m³ de rejeitos foram lançados naquela região, e após um mês de buscas as vítimas, o número de óbitos ultrapassou 300 pessoas. A importância da compreensão de tais

desastres se dá pela identificação da emergência de novos problemas e necessidades de saúde a médio e longo prazo, devendo haver a mobilização e reestruturação de aspectos da Saúde Pública em geral (FREITAS et al, 2019).

Assim, tais desastres devem estender os seus impactos para além dos municípios de ocorrência e da quantidade de atingidos e número de óbitos e/ou feridos. Seus impactos incluem a contaminação de rios que foram atingidos, e a alteração abrupta na e no modos de viver e trabalhar daqueles que pertenciam aquele território, com efeitos sobre a saúde. No caso específico de Brumadinho, tendo como referência dados do Censo Demográfico de 2010, a lama de rejeitos atingiu 9 setores censitários com população estimada em 3.485 pessoas e 1.090 domicílios, o que representa mais de 10% da população atingidos de forma direta e imediata. Tendo como referência os dados do Censo Agropecuário de 2017 e considerando um raio de 500 e 1.000 metros ao longo dos 18 municípios em que a lama atingiu o Rio Paraopeba, numa extensão aproximada de 250km, estima-se que há, respectivamente, 147 e 424 comunidades indígenas, quilombolas, silvicultores e pescadores artesanais, que foram atingidas (FREITAS et al, 2019).

Já no desastre da Samarco em Mariana contabilizou-se o total de 36 municípios atingidos pela lama, em uma extensão de 663km até a foz do Rio Doce. Investigações realizadas em municípios vizinhos, mostram os múltiplos efeitos sobre a saúde física e mental, além do surgimento de novas doenças, em um cenário que só restou riscos, doenças e danos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017) (INSTITUTO SAÚDE E SUSTENTABILIDADE, 2018). Em Mariana o desastre atingiu os distritos de Mariana, Bento Rodrigues, Gesteira e Paracatu de Baixo os moradores foram abruptamente deslocados para o centro urbano municipal e segundo dados do censo até hoje continuam vivendo em casas alugadas e sem a vida comunitária que possuíam naquele ambiente que pertencia e abrigava também a sua história (FREITAS et al, 2019).

Para essas populações que foram vítimas de tais desastres e hoje veêm um cenário desolador, podem ser observados dois grupos: o primeiro relaciona-se a perdas tanto de familiares quanto do seu modo de viver e trabalhar, repercutindo assim na sua saúde mental, podendo esta ser ainda mais intensificada perante incertezas e inseguranças sobre o futuro em conjunto com a falta de resolução por parte dos órgãos públicos e empresas responsáveis. Já o segundo grupo refere-se a problemas de saúde decorrentes da contaminação por metais

presentes na lama de rejeitos. Os danos à saúde citados tendem atingir, em sua maioria, grupos que possuem uma maior suscetibilidade como gestantes, crianças e idosos (FREITAS et al, 2019).

Nesse cenário de danos humanos e materiais, o Sistema Único de Saúde (SUS) local, deve mobilizar-se para o atendimento as demandas na área de saúde que são ainda maiores nesse período, principalmente demandas de urgência e emergência, que envolve profissionais da assistência médica e também psicossocial que deve responder-se pelas pessoas feridas, doentes e/ou mentalmente desorganizadas pelo impacto do desastre. Assim, todos os profissionais que são vinculados a assistência básica, a saúde mental e a vigilância sanitária deverão estar em estado de prontidão para atendimento dos diversos casos que poderão surgir. (OLIVEIRA et al, 2019).

Em casos de perdas afetivas em desastres como estes o acompanhamento à saúde mental e ao bem-estar psicossocial deve ser considerado prioritário, sendo necessárias ações governamentais e não governamentais para atendimento aos atingidos. Entretanto, Segundo Noal, et al (2013) somente nas últimas décadas, os desastres começaram a serem vistos e provocarem o interesse das organizações e instituições vinculadas ao cuidado a saúde mental. Nesse sentido nota-se a necessidade de ir além da perspectiva biomédica focada em doenças físicas e questionar-se sobre os aspectos que estão interligados a esse adoecimento que é mutável de acordo com às diferenças de cada realidade social.

Porém a existência de potencializadores eventos como desastres que podem provocar, medo, tristeza e outros sofrimentos, podem não necessariamente levar a uma definição de trauma ou em transtornos psicológicos os sujeitos atingidos pela destruição, uma vez que isto está também diretamente relacionado a singularidade dos sujeitos (Noal, 2015). Assim, intervenções em saúde mental nesses contextos são necessário uma leitura daquele contexto social e comunitário para intervenções individuais e coletivas. Sendo reconhecida a importância da análise da dinâmica social que orientam as interpretações acerca das relações sociais, territoriais, institucionais e históricas ali construídas (Valencio et al., 2009).

Segundo Freitas et al, (2019) se tratando do desastre ocorrido no desabamento da barragem na cidade de Brumadinho/MG, este pode contar com um sistema de saúde local organizado, que pôde permitir ser realizado um conjunto integrado de ações de prevenção e vigilância em saúde, com enfoque na descontaminação química e na saúde mental, sendo

articulado as vigilâncias epidemiológica e sanitária com a atenção básica, e atenção em saúde. Porém a médio e longo prazo, tais desastres ainda apresentam vestígios de destruição e sofrimento, sendo compreendido ainda como um desafio também para a Saúde Coletiva e o SUS municipal, e a rede geral. Os desastres não se limitam somente a lama, mas também as perdas econômicas, que provocam queda na capacidade de ofertar serviços necessários como saúde, educação, etc (FREITAS et al, 2019).

Deste modo, todo o sistema a Saúde Coletiva e o SUS devem entender e avaliar os efeitos à saúde decorrentes destas tragédias e como serão possibilitados processos de reabilitação e recuperação, além da prevenção de novas doenças. Seguindo os princípios do Marco de Sendai já mencionados e participando de modo ativo destas ações, pois a maneira com que são realizadas pelas empresas responsáveis, poderão resultar em efeitos negativos como aumento nos riscos para a saúde dos indivíduos (FREITAS et al, 2019).

2.5 Desastres e Atuação Militar: Aspectos Psicológicos

[...]vendo pela televisão a gente não dimensiona o poder de destruição que isso tem e que causou, e a força que tem absurda. Quando eu desci pra ocorrência foi que eu comecei a dimensionar o poder de destruição que isso causou, parecia realmente um estado de guerra, tudo destruído, lá é uma mata fechada, se você olhar a vegetação que ficou, eu via árvores de 50 cm de diâmetros de raiz, e ela arrastou, não deixou no lugar, a área ficou limpa e coberta por lama, então uma força pra levantar várias árvores dessa a gente não consegue nem dimensionar o tamanho dessa força[...] e eu comecei a ficar abalado e um pouco assustado com isso, e isso foi um dos primeiros impactos que eu tive na área. (ENTREVISTADO 3)

Segundo Ariane Severo (2019) os brasileiros foram confrontados, recentemente, com crimes ambientais contra a humanidade, ataques à dignidade que remetem a desligamentos psíquicos. Um dos consideráveis estímulos estressores significantes para os bombeiros militares são as situações de socorro imediato, que possibilitam acontecimentos trágicos como perdas, danos, mortes e doenças. Desastres ocorridos em barragens de mineração, como por exemplo, Mariana e Brumadinho, que provocaram consequências devastadoras para aqueles que se tornaram vítimas diretas e para aqueles que podem se tornar vítimas indiretas, ambas que necessitaram do socorro imediato dos profissionais capacitados para o suporte.

Nos desastres socioambientais as sequelas não visam apenas o individual, mas o coletivo e o trauma não atingem só a população regional, mas nacional e as consequências atingiram às gerações futuras de forma significativa. O impacto físico é grande, mas geralmente são sofridos

por um determinado tempo, dependendo de cada lesão, já a dor psicológica pode durar toda uma vida (Severo, 2019).

Freud descreve a dor como “um raio que atravessa o sistema de representações” (Machado, 2013, p. 28, como citado em Freud, 1996, p. 341), deixando facilitações permanentes. O sistema perderia, assim, sua capacidade de armazenamento (incapaz de reter), havendo uma desconstituição dos registros. A dor contínua torna-se tóxica e impossibilita a projeção, a partir do Eu fragmentado. Se não pode ser projetada, não pode ser elaborada. Famílias desamparadas, dor hemorrágica. “O psiquismo degradado, no abismo do irrepresentável” (MACHADO, 2013, p. 29 apud SEVERO, 2019, pg.7)

Em situações extremas como acidentes de grande magnitude, a devastação remete a perda de uma vida já construída e todos os seus elementos, gerando um luto avassalador. Aqueles que se envolvem auxiliando a vítima que está passando por um momento desesperador acabam experienciando um sofrimento psíquico intenso e coletivo, já que a capacidade humana de empatia permite que o cidadão seja tocado pelo sentimento de seus comuns, o que pode torná-los vítimas indiretas, como é o caso dos bombeiros e socorristas que deram suporte ao salvar as pessoas em determinadas tragédias (SEVERO, 2019). “A vivência direta ou indireta de situações traumática como o desastre nos permite recorrer a padrões de apego e ao modelo imperativo interno a fim de interpretar a situação integrando à nossa história de vida” (TORLAI, 2010, pg.30).

Segundo o ministério de defesa (2013), os militares do Brasil estão sendo requisitados a dá assistência na área de saúde em diversas ocorrências de catastrofes, encarando vivências críticas e delicadas. A tragédia ocorrida na cidade de Brumadinho, colocou as Forças Armadas em prontidão com a determinação de proteção contínua, comovendo mais de 1.400 militares, destes faziam presentes agentes de saúde oriundos dos hospitais militares.

Já os agentes de saúde, cumprindo a função em episódios de assistência em caso de desastres, se submetem a uma demanda que exige uma rapidez na escolha da ação que irá ser tomada, aumentando o estado de alerta desse sujeito, que propicia o surgimento de uma ansiedade exacerbada. As pesquisas feitas com os profissionais que trabalham em eventos como os de catástrofes, citam o Transtorno de Estresse Pós-traumático como uma patologia constante devido a necessidade de uma resposta rápida ao ocorrido, e à exposição aos acontecimentos que podem vir a ser traumático (GUIMARO, et al., 2013); (LIMA & ASSUNÇÃO, 2011).

A exposição prolongada de indivíduos a ambientes consideráveis degradantes para o ser humano, podem levar o sujeito a transtornos psíquicos significativos que vão de agudo a severo,

como é o caso do transtorno do estresse pós-traumático, que de acordo com o DSM-5 é caracterizado por ter memórias recorrentes, involuntárias, intrusivas e perturbadoras, ter sonhos perturbadores recorrentes, agir ou sentir como se a eventualidade estivesse ocorrendo novamente, sofrimento psicológico intenso ao lembrar-se do ocorrido, perda de memória do ocorrido, pensamentos negativos de si mesmo, pensamentos distorcidos persistentes, grande nível de estresse, dificuldade para dormir, irritabilidade e explosões exacerbadas, hipervigilância e ansiedade.

Segundo Marquês (2012), foi feita uma pesquisa para obter a amostra de níveis de estresse no corpo de bombeiros do estado da Grande São Paulo, a pesquisa foi feita com 132 bombeiros, em 56% da amostra foi identificado o nível de estresse moderado.

Em estudo realizado sobre a percepção do estresse em bombeiros, ao questionar-se a respeito do que era estressante para os sujeitos da pesquisa obteve-se a maioria das respostas enfocando o cansaço físico e mental citando o estresse como um componente psicológico, como um estado de esgotamento ou, ainda de pressão psicológica (MARQUES, 2012, pg.123).

Evidentemente que o trabalho dos bombeiros remete ao um estresse prolongado, já que a mesma geralmente envolve a possibilidade do não salvamento de si mesmo e seus companheiros de ofício, ou até mesmo das vítimas que deveriam ser socorridas, e na hipótese de situações extremas o medo em relação a essa perda é maior, devido as circunstâncias de perigo, que em caso de desastres a exposição chega a ser maior e mais lenta aumentando as chances de ocorrer não uma, mas várias cenas traumáticas de uma vez só e por muitos dias, aumentando a probabilidade desses indivíduos obterem o transtorno de estresse pós traumático (MARQUES, 2012).

Em pesquisa feita por López-Araujo (2008), com as Forças Armadas Espanholas, foi constatado que ao longo de um conflito armado, há distintos eventos potencializadores que pode ocasionar o sofrimento emocional, portanto psíquico. Dentre elas destacam-se desde situações de longos turnos de trabalho, a reação adversa que o estado de alerta exarcebado causa como a falta de sono, até a falta de contato com a família, morte ou acidente com colegas de trabalho em serviço, e até a não permissão de poder se queixar diante de premissas insuportáveis. Este encargo do trabalho é de certa forma muito parecida à com as dos profissionais que operam nos desastre (MINAYO, et al., 2011); (OLIVEIRA & BARDAGI, 2010); (SILVA & VIEIRA, 2008). Que de acordo com Cremasco (2008), É por isso que bombeiros e outros profissionais que atuam em situações de emergência possuem maior vulnerabilidade a ansiedade, estresse e

doenças e condições patológicas que podem gerar um grande sofrimento psíquico.

Diante de tal realidade, Almeida (2012), vai destacar que os profissionais que prestam socorro, acabam desenvolvendo algumas estratégias para evitar contato com possíveis emoções e sentimentos que poderiam ser sentidos por eles, esquivando-se assim, de um possível acesso ao um sofrimento pessoal daquele sujeito, que pode acabar desestabilizando o lado profissional que a ocupação exige, gerando assim, mais uma vítima que precisará também de socorro.

É assim que o militar socorrista se encontra durante os serviços prestado pelos mesmos, grande estado de alerta, acesso a violência das cenas, poucos recursos, a exigência de rapidez, a responsabilidade consigo e com o outro, e o cuidado pelo não acesso aos sentimentos pessoais ou das vítimas dos desastres. Cabe ressaltar, que as tais situações denominadas catástrofes geram como consequência, ao ser que atua nesta área, inevitavelmente, os efeitos intrapsíquicos resultantes do vivenciado, independentemente de se permitir sentir ou não na hora do ocorrido (Minayo, et al., 2011).

Frente ao exercício laboral em uma realidade catastrófica e inexorável, a qual torna impossível a evitação ou a antecipação, as marcas psíquicas decorrentes desta incapacidade de reação evocam a noção de “exclusão subjetiva”, indicando que o sujeito “sai de cena quando é tomado de assalto por uma vivência de trauma” (FONSECA, 2007, p. 233).

O que ocorreu em Brumadinho e Mariana não será apenas abstraído. A memória quando se torna traumática acaba se tornando uma obsessão para o traumatizado, impedindo uma nova concepção do evento que lhe causou angústia, derivando a necessidade da revivência do incidente variada vezes pela vítima, que acaba “perdendo” ou recalçando parte do ocorrido, na memória. Que segundo Severo (2019), tratando-se de um trauma coletivo, essas injunções identificatórias terão que tomar vias diferentes do recalçamento para serem apagadas da consciência. Seu esquecimento produz buracos na memória, resultantes de uma recusa, de uma forclusão.

Essas comunidades traumatizadas irão transmitir o que jamais será superado. As barbáries dos traumas coletivos se imprimem no inconsciente coletivo. Freud já nos alertava para a impossibilidade de elaboração de um trauma e sua relação com a psicopatologia (SEVERO, 2019, pg.4)

Sendo assim, em virtude das graves consequências psicológicas que acometem as vítimas dos desastres naturais, tais fenômenos vêm causando grandes preocupações não só para a população atingida, mas também para os órgãos governamentais responsáveis por prestar

auxílio para as mesmas, esses órgãos são ocupados por seres também capazes de sofrerem as consequências da vivência traumática de um desastre, que deixam sequelas que são determinantes para toda uma vida, os transtornos psicológicos que acabam fazendo parte da ocupação dos profissionais bombeiros principalmente daqueles que atuam na área de urgência em desastres (SEVERO, 2019).

Ao retomar no sujeito emoções experienciadas, oferecendo uma escuta especializada, pode proporcionar ao meio psíquico a simbolização, onde o espaço necessário lhe permitirá abranger o episódio experimentado permitindo a fluidez aos demais acontecimentos da vida. O autor levará em conta que na presença de uma experiência violenta, pode-se desencadear de uma contenção que pode impedir esse ser de narrar a sua própria história, sendo ela considerada traumática ou não, o depoimento deve ser considerado um meio de sobrevivência subjetiva, o compartilhamento de experiências é uma qualidade requerida a humanidade. (Seligmann-Silva, 2008). “Permitir dar sentido ao vivido por meio de discursos é conferir “ao sujeito o poder de dizer, dizer-se, dizer-nos, o poder de resistir em sua singularidade” (Ferreira e Grossi, 2002. p.123).

Sendo assim, o ser pode é considerado o autor da própria fala, que dá a possibilidade de narrativa também que lhe permite a condição de si mesmo, porque ao dá sentido a vivência o sujeito se possibilita elaborar o ocorrido e se permite a se compreender durante todo o processo. Logo, de acordo com Maia (2003), a integração do excedente que pulsa no cenário psíquico de conceitos vigentes e a concepção dando a capacidade narrativa, configurando-se uma saída positiva para a vivência impactante ou traumática. Evitar o contato com a possível angústia é evitar o contato consigo mesmo, sendo que a angústia pode possibilitar a construção criativa do que foi experienciado, ao evitar esse encontro com o sentir subjetivo não quer dizer que esse esquema recalcado ou “esquecido”, não retorne ao sujeito em forma de sintomática. “O trabalho de assistência e cuidado implica, o cuidar de si para poder cuidar do outro”. Nesta perspectiva, a tarefa ética do cuidado veicula a composição de um espaço humano para a existência no qual “reconhecer a finitude e o limite deixará o cuidador muito mais sensível aos objetos de seu cuidado” (Figueiredo, 2007, p. 21).

Consequentemente é possível compreender a importância de oferecer um local onde a troca intersubjetiva possa ocorrer, estimulando a prática de cuidado no cuidador. Figueiredo (2007), ressaltará que no exercício do cuidado à população, os militares se tornam em agentes do cuidado, o que gera importância de se reconhecer para a sustentação no trabalho com as

vítimas. Portanto é necessário que o próprio cuidador reconheça os seus recursos psíquicos. Sendo assim, é imprescindível não apenas a função comum exigida ao militar, pois o mesmo terá que dá assistência aos atingidos, visando a saúde, conseqüentemente, é vital a capacidade de hospitalidade, empatia e acolhimento para com as vítimas. A importância de compreender a vivência de militares na área da saúde acaba ultrapassando a saúde do trabalhador, mas a sua função no cuidado aos atingidos desde um desastre, como o ocorrido em Brumadinho, mas até acidentes no cotidiano desse trabalhador, se preocupando com os aspectos psicológicos dos profissionais de emergência não apenas visualiza uma classe trabalhadora, como de toda uma comunidade a quem o serviço será prestada.

As atividades de capacitação e supervisão de equipes, espaços coletivos para troca de experiências e análise das atividades realizadas auxiliam na ressignificação do processo de trabalho após o desastre. Destaca-se ainda como importante o suporte ofertado nos locais de trabalho das equipes do SUS e o acompanhamento do Centro de Referência de Saúde do Trabalhador. Tais dispositivos de cuidado objetivaram construir ações de promoção e prevenção de saúde, evitando a cronificação e patologização a médio e longo prazo do sofrimento psíquico (Noal et al, 2019). Neste sentido, ao considerar que cuidar do cuidador gera como consequência benefícios para o profissional e possibilita uma melhoria na eficácia de sua atuação, portanto, ao proporcionar o cuidado para com sua saúde é reconhecer os efeitos desse cuidado no campo de atuação, promovendo melhorias no acolhimento daquele que precisa de ajuda.

3. OBJETIVOS GERAIS E ESPECIFICOS

3.1 Objetivo Geral

- Compreender quais os impactos psicológicos em bombeiros militares decorrentes da sua atuação em contextos de desastres ambientais como o desabamento da barragem na cidade de Brumadinho.

3.2 Objetivos Específicos

- Verificar dados sociodemográficos e percepção e atitudes de bombeiros frente a desastres ambientais.
- Compreender como são relacionadas questões pessoais e profissionais e sua relação com a sociedade diante desse contexto.
- Analisar principais efeitos psíquicos e necessidade de acompanhamento psicológico para atuação de bombeiros no Pré e Pós-desastre.
- Promover um espaço de fala, apoio, e incentivo à reflexão sobre a experiência, auxiliando assim na ressignificação do processo de trabalho após o desastre.

4. MÉTODO

4.1 Delineamento do Estudo:

Trata-se de uma pesquisa de campo aplicada, de natureza observacional, de objetivo exploratório, qualitativa, utilizando análise de entrevistas e intervenções. Visando compreender os aspectos psicológicos subjetivos e coletivos dos Bombeiros que participaram do resgate imediato do desastre ambiental ocorrido em MG.

4.2 Amostra

Participaram desse estudo bombeiros Militares que atuaram no socorro imediato das vítimas do desastre ocorrido em Brumadinho, janeiro de 2019. Quatro Bombeiros, na idade entre 36 a 42 anos, que faziam parte do Serviço de Busca e Salvamento com Cães (Sbresc), do Corpo de Bombeiro Militar de Sergipe (CBM/SE).

4.3 Local

A pesquisa foi aplicada e desenvolvida na Universidade Tiradentes (Unit), localizada no Município de Aracaju SE, onde foi disponibilizado salas para aplicação do projeto com o objetivo de auxiliar de forma adequada o projeto dos alunos competentes.

4.4 Critérios de Inclusão e Exclusão

Os critérios utilizados para inclusão na pesquisa foram a participação no resgate sucedido em Minas Gerais, em 2019, na cidade de Brumadinho que está localizado na região metropolitana de Belo Horizonte, já os critérios de exclusão são caracterizados por qualquer momento de necessidade de rompimento com a pesquisa, que pode ser de teor psicológico ou até de consequências desfavoráveis como também o local e a divergência de horário com o possível participante.

4.5 Instrumentos

- Aplicação de Questionário Individual
- Entrevistas semiestruturadas
- Rodas de conversa

4.6 Análise Dos Dados

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que utilizará a análise das falas coletadas nas entrevistas e rodas de conversa. A análise será decomposta em categorias que se referem aos

objetivos da pesquisa como sendo estas: 1) Impacto emocional do desastre 2) Ser Herói; 4) Acompanhamento psicológico. Salienta-se que poderá emergir nas entrevistas, outras categorias que poderão também ser importantes no processo de análise do material coletado.

Como recurso metodológico, para análise dos conteúdos trazidos serão utilizados estudos da Psicodinâmica do Trabalho, Pressupostos da Clínica do Trabalho, Princípios da Psicanálise para a Escuta, e demais autores que versam sobre o tema, como forma de compreender o campo de afetação entre o trabalho e atuação no contexto de um desastre e como estes se manifestam na dinâmica particular dos sujeitos. “Dentro deste tipo de abordagem há uma interação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é um vínculo indissociável do mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzida em números” (Freitas & Jabbour, 2011)

4.7 Procedimentos

As entrevistas semiestruturadas, intervenções e rodas de conversa serão realizadas durante 2 dias, no período da manhã, compreendendo o horário das 8 às 12 horas, com intervalo de 20 minutos para descanso e coffee break. No primeiro dia inicialmente serão realizadas entrevistas individuais para coleta de informações pessoais como nome, idade, tempo de serviço etc, além de também buscar compreender de como se deu a experiência individual e subjetiva, pois é fundamental compreender a experiência que cada entrevistado teve com a tragédia, serão explicados os objetivos da pesquisa e as questões éticas, além do termo de consentimento Livre e esclarecido. Posteriormente no segundo momento do encontro será realizada Dinâmica com palavras para Associação Livre. Os questionários que serão aplicados estão em anexo na pesquisa.

4.8 Aspectos Éticos

O desenvolvimento desta pesquisa é orientado pela Resolução n. 466/12 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que tem como objetivo proteger a integridade e dignidade do ser humano em pesquisas científicas (BRASIL, 2012d), além de levar em conta e respeitar a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 2004 e outros documentos afins. Respeitando as disposições da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 e de legislações brasileiras correlatas, visando garantir os direitos e deveres de quem participa da pesquisa, do estado e da comunidade científica (BRASIL, 2012d). A Resolução n. 466/12 incorpora

referências básicas da bioética, são elas, "autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, dentre outros, e visa a assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado" (BRASIL, 2012e).

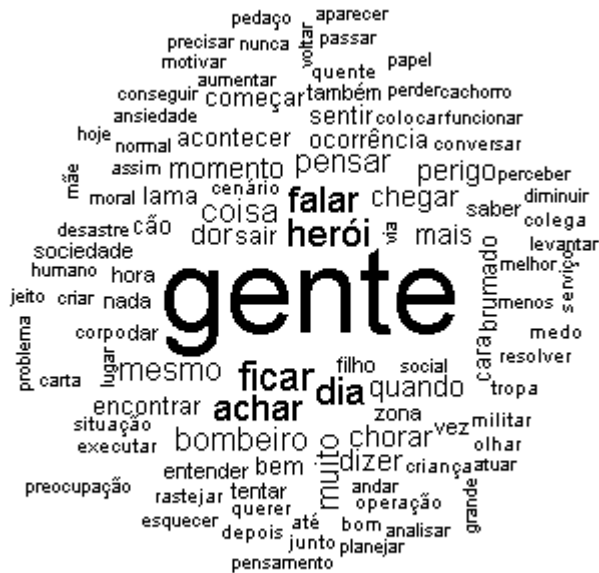
Foi assegurado aos participantes desta pesquisa, o anonimato e o sigilo de suas informações em todas as etapas do estudo, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do Termo de Autorização para Gravação de Voz. Esta pesquisa faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso, para obtenção do título de Bacharel do Curso de Psicologia, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Tiradentes.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

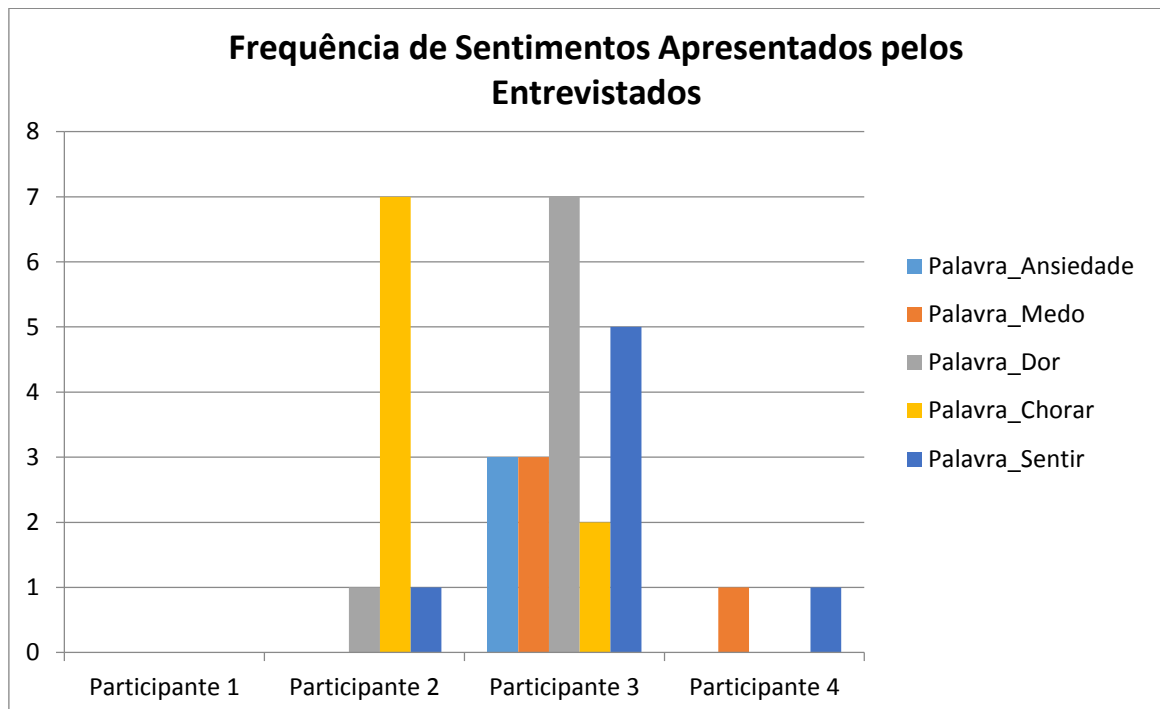
Participaram das entrevistas quatro bombeiros militares que atuaram no resgate as vítimas do desastre ocorrido em Brumadinho, em janeiro de 2019. Segundo os dados de identificação inicialmente coletados, todos são do sexo masculino, com faixa etária entre 36 a 42 anos, possuem nível superior, e estão em função de bombeiro militar há mais de 9 anos. Em relação aos cargos ocupados havia 1 Cabo, 1 Comandante e 2 Sargentos, todos no momento da operação faziam parte do Serviço de Busca e Salvamento com Cães (Sbresc), do Corpo de Bombeiro Militar de Sergipe (CBM/SE). Quando questionados se já fizeram ou fazem acompanhamento psicológico e/ou psiquiátrico e há quanto tempo, 1 informou iniciou há uma semana atrás e outro que já fez há 4 anos atrás.

Inicialmente foi discutido que a análise seria decomposta em categorias que se referiam aos objetivos da pesquisa, sendo estas: Impacto emocional do desastre, Ser Herói, e Acompanhamento psicológico. Porém na realização das entrevistas e rodas de conversas, surgiram outras 2 categorias também importantes no processo de análise, as quais foram: Valorização Profissional, e Saúde Mental e Relações de trabalho. Sendo assim serão analisadas e apresentadas 4 categorias: 1) Impactos emocionais do desastre; 2) Valorização Profissional: Ser Herói; 3) Saúde Mental e Relações de trabalho. 4) Acompanhamento psicológico.

5.1 Nuvem de Palavras mais predominantes



5.2 Tabela – Frequência de Sentimentos Apresentados pelos Entrevistados



De acordo com Aguiar (2000), para compreendermos o processo de consciência é fundamental entendermos as funções psicológicas e as maneiras de significação. Ou seja, quais as expressões que são simbólicas que representam vivências, sentimentos e desejos. E hoje na sociedade se utiliza da linguagem que carrega a função simbólica de representar formas de significação que contribuem na compreensão como os aspectos psicológicos que auxiliam no ganho de consciência. Portanto, foi utilizado o Iramuteq como um instrumento para verificar as palavras que atribuem significados sentimentais ou de grande carga emocional na pesquisa e o resultado são esses: participante número 1, 0% em palavras citadas com referência a experiência pelos demais participantes. Participante 2 em comparação aos outros entrevistados falou a palavra dor e sentir 3,03%, chorar 23,2%, participante 3 falou a palavra ansiedade e medo 10%, dor 23,3%, chorar 6,6% e sentir 16,6%, participante 4 apenas as palavras medo e sentir e ambas 3,03%. A quantidade de repetição das palavras também pode representar uma intensidade subjetiva da experiência de cada sujeito, por mais que passaram pela mesma experiência isso não significa que irão sentir da mesma forma até porque existe uma construção interna e externa de cada um que também traz uma gama de significados e significações de representações pessoais que influenciam na forma de viver cada vivência mesmo sendo ela coletiva (Aguiar 2000).

5.3 Impactos Emocionais do Desastre

Quando questionados sobre o que sentiram durante a experiência de resgate a vítimas em um desastre, diversas situações são citadas pelos entrevistados que poderiam desencadear algum tipo de sofrimento emocional. Entre elas, foram destacadas: deparar-se com um cenário em completa destruição, contato com luto e com pessoas que perderam familiares, condições adversas de trabalho, risco de morte por desabamento de outra barragem, contaminação por metais, contaminação por cadáveres de animais, encontrar somente pedaços de corpos. Um cotidiano de trabalho desconhecido e que desencadeia tensão, estresse, ansiedade, medo pelo perigo, e pelos riscos à integridade física de si mesmo e de outros. Conforme pode ser exemplificado na fala dos Entrevistado 1 e 3:

“Eu lembro do dia das mães e a gente lá, aí eu disse eu vou mandar mensagem para minha mãe, vou colocar ela para chorar e acabou que ela ficou sem mensagem, porque quem chorou fui eu, teve uma mãe que foi lá, que foi uma homenagem que eles fizeram as mães das vítimas, as irmãs, as mães bombeiras, aí uma

mãe pediu a palavra e ela pediu para não desistir do filho dela, aí minha mãe ficou sem mensagem (Risos)”. **(Entrevistado 1)**

“[...] eu comecei a fazer minhas próprias análises do perigo que a gente corria ali, aí comecei a sentir medo pelo que poderia acontecer e cada dia eu ia fazendo essa análise do que poderia acontecer e de coisas que já havia acontecido, a força de destruição, os perigos que estavam ocultos ali, buracos que a gente não via, contaminação por cadáveres de animais, bactérias, metais, todos os dias eu fazia essa análise, rompimento da barragem, se a chuva aumentar, todo dia era uma análise diferente e expectativa de perigo [...]” **(Entrevistado 3)**

Entre os fatores de risco associados a atuação em cenários de desastre Almeida (2012) pontua aspectos como a ausência de experiências prévias e a angústia e receio pelo alto grau de dificuldades e incertezas na realização da operação. A autora também destaca outros aspectos que podem ser potencialmente desencadeadores de futuros danos na saúde psíquica como: trabalho com vítimas de queimaduras, com crianças e com cadáveres como cita o Entrevistado 2 na sua experiência vivenciada:

“[...] as sensações eram essas, ansiedade por achar as pessoas, os pedaços de corpos, outra coisa que a gente achou que encontraria corpos lá e chegando lá a coisa era diferente, a gente estava lá pra encontrar principalmente pedaços de corpos, metades, as vezes era um braço, uma perna, um dedo, então isso me assustou um pouco, eu nunca pensei que ia trabalhar pra encontrar pedaços de corpos, numa situação como isso, eu achei que a lama iria cobrir, e aí criava ansiedade, criava medo pelo perigo, o estresse aumentava porque ficava pensando, toda vez que eu ia tomar banho ficava um trio de metal pesado no banheiro, e eu sabia que aquilo eu estava ingerindo porque eu ia beber água, eu ia toda vez está em contato direto não tinha como não tá... **(Entrevistado 3)**

Em geral os estudos apontam para a existência dos riscos para a atividade do bombeiro, tanto à saúde física quanto a saúde mental. Além das pressões que acometem a saúde psíquica, pode-se destacar também os de riscos físicos, químicos, mecânicos e biológicos que podem surgir como consequência da manipulação de materiais e condições de trabalho adversas. (VELLOSO et al, 2013)

Considerando o poder de destruição de tais desastres e levando em conta os profissionais que atuam neste contexto, estes podem se sentirem invadidos, naquele momento ou posteriormente, por efeitos emocionais em virtude da forte experiência. Assim, tal impacto que parece exceder a capacidade de administrar os próprios sentidos necessita de um exercício de

reflexão, compreensão e intervenção que resultam no aceite à singularidade de cada um e o entendimento da complexidade dessas ações realizadas em dadas circunstâncias catastróficas. Como assim menciona o Entrevistado 2 e 3 sobre o preparo emocional e a possibilidade de o profissional não conseguir lidar com determinadas situações:

“Eu vou falar como comandante operacional em uma experiência de desastre. A gente chegou em uma reunião e eu disse até que ponto isso era útil, isso de colocar o bombeiro militar que estava na zona quente e expor a esse tipo de ápice emocional que nem todo mundo responde de um jeito entendeu, porque o cara está indo para zona quente e você coloca uma mãe para falar do filho dela que perdeu e isso pode desestabilizar, para outros profissionais isso pode levantar a moral, mas uns que você destrói. Tipo cartinha de criança que a gente recebia muito, tinha gente que nem ia lá porque ia pra chorar. Foi uma coisa que a gente aprendeu em Brumadinho, até que ponto vale a pena [...] **(Entrevistado 2)**

“Teve uns 10 funcionários contratados pela Vale que não conseguiram voltar pra operação porque estavam abalados psicologicamente e teve alguns bombeiros que não voltaram, mas foram pouquíssimos Bombeiros naquela situação, que foram os que vivenciaram muito aquilo mesmo.” **(Entrevistado 3)**

Situações de respostas incalculáveis e inesperadas, como os desastres, excedem a capacidade de respostas e as fazem sentir angústia, desamparo e desconhecimento. As manifestações psicológicas podem se evidenciar de diferentes formas, seja por episódios de desorganização mental ou ansiedade com duração de tempo divergente de um sujeito para outro. De acordo com o relato do Entrevistado 2, reações como essas foram sentidas durante alguns poucos minutos durante a operação, porém logo após conseguiu perceber e retornar ao trabalho novamente, demonstrando autoconsciência e autocontrole, sem deixar-se dominar pelo sentimento de medo e pavor:

[...] eu passei lá por uma situação que eu pensei que eu ia morrer eu fiquei preso na lama deitado rastejando e meus colegas do meu lado, então eu pensei que aquilo era só na minha cabeça, isso foi coisa de 5 minutos eu tentando rastejar e quando eu rastejei que eu olhei pra trás eu só tinha andado coisa de 1 metro, aí eu pensei rapaz será que eu vou surtar aqui sozinho e ninguém perceber, aí teve uma hora que eu disse rapaz eu vou levantar daqui e não quero saber de nada vou me levantar vou embora e não quero ficar aqui mais não, aí depois eu me dei conta e me acalmei aí voltei e fui rastejar de novo... foi uma situação que eu nunca passei na minha vida, ter que rastejar e não sair do lugar, totalmente imerso na lama, eu pensei vou pirar aqui, vou

endoidar, também essa foi a única vez que eu passei igual essa depois não precisou adentrar tanto na lama.” **(Entrevistado 3)**

Segundo Dejours (2012), quando todo o saber e toda a técnica não dão conta de vencer a resistência do mundo, está-se no real. De repente, o protocolo e os procedimentos treinados, que pareciam representar garantias diante do risco, mostram-se insuficientes. O real, segundo Dejours (2012), faz-se “conhecer, por aquele que trabalha sob a forma de fracasso, como experiência desagradável, dolorosa, ou como sentimento de impotência ou angústia [...] é sempre afetivamente que o real do mundo inicia sua manifestação para o sujeito” (p. 39).

..eu vi que eu estava muito emotivo quando eu voltei, eu digo porque eu não parava de falar eu falava e só falava o mesmo assunto, e eu vi que eu estava muito impregnado de lá, eu tinha que sair pra espairecer, pra dissipar esses pensamentos, e todo canto que eu chegava aí as pessoas perguntavam e eu tagarelava de falar sobre o lugar e eu percebia, e eu pensei que eu tinha que parar com isso, que eu tinha que me libertar disso, se não eu ia ficar preso a esse pensamento de brumadinho o tempo todo, aí comecei a sair muito, a procurar distração, e comecei a evitar falar sobre o assunto que era pra amenizar os pensamentos. **(Entrevistado 3)**

Depois de 10 a 15 dias eu comecei a ter pesadelos horríveis, eu não sonhava que estava na lama, mas era semelhante, já sonhei estando na estrada, tive um que era semelhante à destruição em Brumadinho, mas não era lama era água. **(Entrevistado 3)**

No cumprimento de uma missão os profissionais exponham-se a cenas e situações com grande carga emocional sendo necessário um tipo de barreira emocional que permita ser realizada o trabalho. O medo, por exemplo, deve ser ressignificado para que o bombeiro proteja-se de afetos que possam prejudicar ou impedir que a missão seja cumprida. Tal defesa encontrou-se muito presente no relato dos entrevistados, esta posta como além de garantia da saúde emocional do profissional, também como pré-requisito para realizar a tarefa a que são preparados. Como relata o Entrevistado 3:

Quando eu iniciei no bombeiro eu comecei a criar um mecanismo que eu não posso, pelo menos no momento da ocorrência, a me sensibilizar, chorar ou sentir a dor do outro porque se ele não conseguiu porque sentiu a dor e chorou, se eu ficar do mesmo jeito eu vou ser só mais um pra não resolver o problema. Então no momento da ocorrência eu não me sensibilizo, eu não sinto a dor do outro, eu atuo de forma acho que mecânica esse é o procedimento que eu tenho que fazer, e se eu não fizer não vai resolver então eu não me envolvo emocionalmente no momento, depois eu sinto, não com todos... **(Entrevistado 3)**

Creiasco et al. (2008) afirma que diante desse contexto os profissionais que desempenham este tipo de exercício, buscam algumas estratégias para não entrar em contato com as emoções ali sentidas, preservando-se, assim, de um possível ou futuro sofrimento. Uma vez que os procedimentos, e os métodos precisam ser realizados, e a missão deve ser cumprida. Assim os sentimentos são postos de lado no momento, sendo utilizado, outras formas de manifestação desses sentimentos. Como cita o entrevistado 2:

“A gente aprende a lidar com isso, quando se está à frente do comando carga para mim era saber como estava a moral dos colegas, sempre acompanhava, a gente sempre se reunia, procurava saber, e quando a gente estava junto a gente tinha que rir, tirar piada um do outro. A gente falava de futebol, quando a gente estava lá na zona quente tirava onda um do outro, a gente saía para jantar em algum canto, fazer outra coisa” **(Entrevistado 2)**

...se veem uma tropa de 10 bombeiros rindo em um cenário daquele vão achar que a gente não tá levando a sério, então a gente tem que tá chorando pra perceber que eu tá levando a sério a operação, eu tenho que chorar mas eu não posso chorar pelo parente que morreu senão eu não consigo trabalhar simples assim, e eu tenho que tá das 5 da manhã as 11 da noite enfrentando a lama e das 11 até as 5 planejando o outro dia, então se eu for chorar quem que vai planejar, como é que eu vou planejar os riscos, como é que eu vou motivar minha tropa a tá ali no outro dia de novo né, não dá. **(Entrevistado 2)**

Porém, o que parece proteger o psiquismo de tais situações pode levar a um enrijecimento do sistema emocional também perigoso, podendo resultar no aumento da vulnerabilidade devido aos excessos vividos e pouco sentidos. Retomando a analogia utilizada por Freud, em 1920 (2006), de uma vesícula de matéria viva, Figueiredo e Coelho Junior (2008) Bizam a importância do desenvolvimento de uma crosta que amortecia e filtre aquilo que incide sobre o organismo e que, simultaneamente, demarque fronteiras de um território próprio. Ressalvam, todavia, que tal crosta protetora não é suficiente, podendo romper-se diante de um episódio traumático, o que exige uma segunda defesa, uma retaguarda.

Observa-se que o sentimento de pertencimento a um grupo pode amenizar mesmo que de maneira parcial o desamparo, presente no ser humano e também em uma atuação profissional em contextos de risco e em contato com a morte. Dejours (2011) conceitua a cooperação no trabalho como o desejo do trabalho coletivo como uma forma de superação das dificuldades, e para que haja tal cooperação deve-se haver a confiança entre aqueles que a compartilham. Tal conceito pode ser observado na fala dos entrevistados 3 e 4:

“[...]a gente estava em linha avançando pela lama e aí começamos a ficar preso na lama, e o cão que se deslocava com mais facilidade também cansou e ficou preso na lama, a gente teve que resgatar o cão amarrar pelo colete que ele estava e arrastar pela lama, depois que arrastou ele e colocou em um lugar seguro aí era hora de resgatar a gente, a gente teve que resgatar a gente também, a lama prendeu a gente então a gente procurou um tronco pra subir amarrava uma corda pra um puxar o outro e procurava um lugar seco pra pisar, então pra mim aquele dia foi o mais estressante[...]” **(Entrevistado 3)**

[...]então o medo foi grande, mas a gente não recuava, a gente estava ali junto e podia se ajudar, não íamos deixar ninguém para trás, a gente ficou mais assim temeroso no primeiro dia da operação por conta da dinâmica mesmo do início ocorrência. **(Entrevistado 4)**

5.4 Valorização Profissional: Ser Herói

Devido às peculiaridades da sua atuação, os profissionais militares que têm sua ação profissional também voltada aos cuidados com a saúde da população atendida, tal como o cuidado, busca e resgate à uma população acometida por um desastre, na equipe encontra-se altas demandas também emocionais, como a própria expectativa de ser eficiente naquele serviço prestado e para o qual foram treinados, atender a necessidade das vítimas socorridas ou a pedido de familiares, independente da violência, do perigo, ou dos riscos que encontra-se presentes naquele contextos. (KEGLER et al, 2016), como assinala os entrevistados 2 e 3 demonstrando assim a sensibilidade, a empatia do bombeiro, e o “ser humano por trás da farda”:

“E o que é que faz a gente não recuar, a gente estar lá em meio ao perigo, é uma coisa assim interessante, é uma emoção é tão grande de encontrar e de aliviar a dor do outro que você esquece o perigo e você continua ali andando como se tivesse andando numa zona segura que não existe perigo, é como se você esquecesse e você fica naquele ansiedade de encontrar pra dar uma resposta ao ente querido, a gente conversava muito isso que a gente queria encontrar não era pra ser o herói, era pra diminuir a dor do familiar que estava ali tentando achar uma resposta, pra ter a dignidade pelo menos de enterrar o ente querido[...]” **(Entrevistado 3)**

“[...] lembro que tinha um barzinho que eles fizeram um quadro negro com giz onde as pessoas iam e escreviam palavras de apoio, do ente que perdeu, e apoiava os bombeiros e vocês são os heróis, e eu fiquei lá jantando no barzinho e lendo, e aí teve uma vez que eu escrevi lá que nós iríamos até a ultima gota de lama, até o ultimo grão de areia mas que nós iríamos achar todos, e aí o garçom percebeu que eu escrevi aquilo ali e perguntou se eu

era bombeiro e eu fiquei ali escutando ele desabafando. A população em geral sentiu muito o cenário, era realmente um cenário devastador”. **Entrevistado 2**

Diante do desamparo advindo de um desastre, as manifestações de solidariedade surgem como uma defesa ao horror e a angústia ali resultantes. O desejo de acolher um ao outro de ajuda são ainda mais aflorados, segundo Freud (1921-1995), pelo reconhecimento na vulnerabilidade do outro já vivida por aquele que oferta o cuidado. Nas palavras de Freud, esta identificação se instala “uma qualidade emocional comum”.

[...] se você me perguntar se houve algum resquício de brumadinho, brumadinho para mim é o meu orgulho, eu fiz amizades lá que eu tenho contato até hoje, a gente tem pessoas lá veterinários, veterinárias, colegas bombeiros que dividiram o mesmo cenário que a gente, nós tivemos momentos de alegria mas tivemos momentos de dor, de um bater a mão no outro e dizer estamos juntos..., hoje é mais um dia e vamos lá, e vai. **(Entrevistado 2)**

5.5 Saúde Mental e Relações de Trabalho

Em Prado (2011) é discutido a importância das relações no ambiente de trabalho para que este não se seja uma fonte a mais de estresse no profissional. Para Timossi et al. (2010) o ambiente laboral deve disponibilizar aos trabalhadores as mínimas condições de segurança e de saúde no trabalho como forma de evitar ou ao menos reduzir número de doenças e acidentes oriundos do trabalho. A valorização dessa categoria profissional dentro da própria corporação é um ponto importante a considerar. De acordo com o relato do entrevistado 2, em muitas situações o profissional faz tudo o que está a seu alcance, e nem sempre esse esforço é reconhecido. Natividade (2009) relata que a disciplina e a rigidez, que inicialmente são exigidas pela organização, são também fatores que podem levar a um adoecimento psíquico:

“[...] parte muito da valorização do profissional que nós não temos... A gente não tem apoio nenhum, ninguém acredita, mas quando acontece um desastre então aciona o serviço..., óbvio que a gente espera que isso nunca aconteça, mas se acontecesse a gente já estava pronto, então quando acontece um desastre desse nível a gente já fica preparado... **(Entrevistado 2)**

Para o entrevistado, a instituição impõe limites aos seus trabalhadores, e os frustram. Não somente impõe limites, como ela própria possui limitações que colocam em risco a realização

das missões e, também, a saúde de seus profissionais podendo acarretar consequências no cotidiano de trabalho e também na sua saúde seja física e/ou mental.

“Então eu estou falando de ser Bombeiro, mas antes de tudo eu estou falando de ser mãe, de ser esposa, de ser filho, de ter uma vida social importante, porque faz parte do ser humano trabalhar... Não é o bombeiro que tem que se adaptar ao militar [...] **(Entrevistado 2)**

O apoio da instituição aos profissionais é visto como uma das principais alternativas as motivações que levam a fragilidade da saúde mental destes profissionais. O reconhecimento ofertado pela instituição e a consideração destes como seres humanos que trabalham em circunstâncias muitas vezes desumanas, pode minimizar o sofrimento vivido durante as operações. Trata-se de enxergar o ser humano em si e não o militar em contexto profissional. A identidade do bombeiro está edificada no coletivo e na existência do grupo, devendo neste ser reconhecido também o sofrimento individual e subjetivo, possibilitando assim defesas mais eficientes e menos prejudiciais à saúde dos sujeitos.

5.6 Acompanhamento Psicológico

Segundo Seligmann-Silva (2008) a falta do “acompanhamento” institucional para tais demandas leva o profissional bombeiro a criar estratégias de enfrentamento solitárias para as graves situações vivenciadas e por consequência acarreta no fracasso tanto das suas relações pessoais quanto familiares ocasionando um estado de esgotamento. Propor uma escuta atenciosa a este sujeito pode fazer com que o mesmo consiga ressignificar o acontecido, assim dando espaço a uma nova etapa que lhe permite incluir o evento traumático ao fluxo normal dos acontecimentos da vida.

“Lá foi ofertado psicólogo, os psicólogos pediam muita observação e muita atenção, a gente que estava com a moral baixa ele observou e me ajudou, ficava mais próximo a mim e qualquer coisa me ajudava ou me encaminharia”. **(Entrevistado 2)**

“Pra mim o pós ficou a desejar, eu acho que a gente tinha que ter isso aqui que a gente está fazendo agora, entre a própria equipe que foi pra lá porque a experiência coletiva é uma e a experiência individual é outra, a visão é diferente, cada um vê um erro e acerto ou uma coisa pra acrescentar, então eu acho que ficou a desejar tanto na primeira quanto na segunda viagem[...] **(Entrevistado 3)**

Assim, encontros que privilegiam o compartilhando entre equipes também se encontram como uma tentativa de elaborar e dar sentido as experiências vivenciadas, havendo assim um

cuidado para com o cuidador. O valor de explorar tais vivências de militares no serviço aos atingidos por uma catástrofe está na possibilidade de identificar os pontos de fragilidade resultantes das condições psíquicas implicadas não só no trabalho de assistência às vítimas, mas também nas relações que perpassam o ambiente de trabalho do bombeiro militar. Assim, conhecer tais aspectos contribui no intuito de diminuir os fatores de risco e potencializar os elementos de proteção no trabalho destes profissionais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscar colaborar com a assistência aos militares que participaram da pesquisa para que fossem escutados de forma integral possibilitando um espaço “livre”, acolhedor, propiciando a elaboração do acontecimento que presenciaram, não apenas como civis, mas como profissionais que estavam ali para trazer uma ajuda qualificada aos moradores de Brumadinho. Ou seja naquele momento de abstração coletada por esses profissionais que não tiveram nem tempo e nem o espaço de serem digeridas, assim como o texto revela, muitas vezes esses profissionais não articulam ou evitam ficarem expostos aos sentimentos dos civis que buscam ajuda, para não serem “infectados” por tamanho sofrimento que acabar impedindo a ação do profissional. Como relatado também pelos entrevistados número 2 e 3.

Segundo Noal (2019) Considerando ainda que atividades de capacitação e supervisão de equipes, espaços coletivos para troca de experiências e análise das atividades realizadas auxiliam na ressignificação do processo de trabalho após o desastre. Destaca-se ainda como importante o suporte ofertado pelo NUPIC nos locais de trabalho das equipes do SUS e o acompanhamento do Centro de Referência de Saúde do Trabalhador. Ou seja o contato nesse espaço qualificado devolve a esse profissional o seu lado “ser” “humano”, possibilitando uma volta a realidade ali experienciada, de forma coletiva, o que presuppõe que algum momento esse profissional necessitará de um espaço para que retorne a sua humanidade de forma integral e assim digerindo o acontecido, compreendendo onde estava e quais perigos e que situações chocaram cada sujeito de forma subjetiva.

Desse modo, a concepção assumida nesta pesquisa foi compreender as experiências subjetivas e coletivas de vivências em desastres no Brasil, experienciadas pelos profissionais do socorro imediato, os Bombeiros do Estado de Sergipe, analisando o desastre ocorrido em Brumadinho Minas Gerais em 2019, levando em conta a interferência pessoal e do trabalho e suas consequências. Considerando a ponderação sobre o trabalho também que é executado por militares na área de saúde em eventos de calamidade não só do ponto de vista físico, mas psicológico que pode se definir traumático ou não, o objetivo ultrapassa a necessidade de diagnóstico, até porque quando se trata de experiências de tamanha calamidade que os desastres apresentam não necessariamente são experiências traumáticas, mas de grande impacto sentimental que pode sim trazer sintomas negativos para o sujeito. Sendo assim, foi utilizada a literatura a respeito da subjetividade humana, qual permite ou não recursos para efeitos no âmbito psíquico, diante de uma exposição a uma eventualidade crítica da realidade.

De acordo com Souza (2012), pelo fato de exercerem um conjunto importante de atividades focadas na missão de salvar vidas, em situações de perigo, a sociedade acaba atribuindo um destacado nível de confiabilidade à profissão de bombeiro. Contraditoriamente esta categoria, desde 2010, tem reivindicado intensivamente melhorias salariais, lutando contra a falta de reconhecimento dos gestores públicos. Cardoso (2004), também relata que neste cenário para realizar as funções com eficiência e eficácia, a instituição dos bombeiros militares no Brasil adota modelos organizacionais rigorosos, que podem como consequência afetar as condições de saúde dos profissionais em serviço, principalmente pela sobrecarga exigida por longas jornadas de trabalho e equipes desfalcadas. Assim, expressando que a sobrecarga do militarismo exacerbado e falta de reconhecimento desse profissional das organizações governamentais, pode acabar prejudicando e resultando em um profissional desmotivado, cansado sem perspectiva de como melhorar o serviço prestado a sociedade, mas também há uma preocupação com a saúde desse trabalhador.

A importância de conhecer a prática dos militares na área da saúde e na ocupação de cuidados as vítimas de uma calamidade, gera a oportunidade de observar as posições de vulnerabilidade resultante de encargos psíquicos que envolve o trabalho de assistência aos atingidos. Portanto, compreender os aspectos colabora de maneira relevante no propósito de reduzir os riscos que podem se tornar potencializadores de um sofrimento psíquico intenso que pode se transformar em uma patologia, gerando transtornos e condições negativas ao trabalhador. Sendo assim, levando em conta essa compreensão, cuidar do cuidador promove melhorias para o agente e também desenvolve um progresso em suas intervenções, portanto, proporcionar precauções para com sua saúde psíquica dor é também reconhecer o ser humano por trás da farda, entendendo que o que afeta ao socorrista também pode surtir efeitos no campo de atuação do mesmo.

Deste modo, não apenas a continuação da assistência do Centro Integrado de Apoio Psicossocial (CIAPS) que presta atendimento psicológico aos servidores da segurança pública do Estado de Sergipe, assim como, a assistência da Clínica de psicologia da Universidade Tiradentes, e também projetos como esse que pretendam qualificar a vida do trabalhador, são de grande valia para o bem dos Bombeiros Militares do estado de Sergipe.

O Centro Integrado de Apoio Psicossocial (CIAPS) tem como objetivo desenvolver ações integradas que favoreçam à qualidade de vida dos servidores da Segurança Pública de Sergipe, compreendendo Bombeiros Militares, Policiais Militares e Civis, e Coordenadoria

Geral de Perícias, o centro disponibiliza apoio psicossocial aqueles que vivenciem situações de desestrutura emocional, e desenvolve também atividades educativas de prevenção a saúde na perspectiva biopsicossocial que são de suma importância.

Conseqüentemente essa pesquisa teve como possibilitou uma escuta, que quando concedida, estabelece um ambiente que está além da racionalidade que o profissional do socorro imediato está acostumado a se posicionar, que até mesmo a instituição militar limita esse ser via condutas previstas pela instituição. Sendo assim, visando a prevenção e a saúde psicológica dos bombeiros de Sergipe, é importante a continuidade das intervenções com a utilização da escuta qualificada e espaços seguros, para que os profissionais se permitam elaborar todas as experiências por eles vivenciadas, auxiliando e preservando o mesmo de uma patologização conseqüente do sofrimento psíquico. Permitindo ali a escuta do sentimento subjetivo, que é necessário devido ao acúmulo de experiências “sobre humanas”, levando em conta o coletivo para troca de experiências que auxilia na ressignificação de tudo que aquele trabalhador já sobreviveu.

REFERÊNCIAS

- BRIGADA MILITAR, **História**. Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: [» http://www.brigadamilitar.rs.gov.br/bombeiros/hist-mun.html](http://www.brigadamilitar.rs.gov.br/bombeiros/hist-mun.html)
- CAPITANEO, Daiane; RIBEIRO, Kamila; SILVA, Juliano Corrêa. **O papel idealizado do bombeiro: e o ser humano por trás da farda?**. VITTALLE - Revista de Ciências da Saúde, [S.l.], v. 24, n. 1, p. 53-68, maio 2015. ISSN 2177-7853. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/vittalle/article/view/5107>>. Acesso em: 19 ago. 2019.
- CBMERJ. **Corpo de Bombeiro Militar do Estado do Rio de Janeiro** – Disponível em: <http://www.cbmerj.rj.gov.br/%20acesso%20em%20abril%20de%202012>.
- CBMSE. **Corpo de Bombeiros Militar de Sergipe. História da Corporação**. Disponível em: <https://www.cbm.se.gov.br/a-historia/>. Acesso em: 19 de agosto de 2019.
- FREITAS, Carlos Machado de, et al. **Da Samarco em Mariana à Vale em Brumadinho: desastres em barragens de mineração e Saúde Coletiva**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 35, n. 5, e 00052519, 2019. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2019000600502&lng=en&nrm=iso>. access on 29 Sept. 2019. Epub May 20, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00052519>.
- FREITAS, Carlos Machado de; SILVA, Mariano Andrade da; MENEZES, Fernanda Carvalho de. **O desastre na barragem de mineração da Samarco: fratura exposta dos limites do Brasil na redução de risco de desastres**. Cienc. Cult., São Paulo, v. 68, n. 3, p. 25-30, set. 2016. Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000300010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 out. 2019. <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602016000300010>.
- KEGLER, Paula; MACEDO, Mônica Medeiros Kother. **Catástrofes e atuação militar: a subjetividade e a realidade traumática**. Estudos e Pesquisas em Psicologia. Rio de Janeiro v. 16, n. 3 p. 953-971, 2016. Acesso em: 15 nov. 2019. https://www.researchgate.net/publication/326427475_Catastrofes_e_atuacao_militar_a_subjetividade_e_a_realidade_traumatica.
- MARQUÊZ, Grazielle Menzani. **Stress e enfrentamento em uma equipe de bombeiros**. São Paulo. 2012. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7139/tde-04112013-154849/publico/original.pdf>
- MORFIM, J. H. **Família e acolhimento: possíveis reflexos na vida profissional dos bombeiros**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia – Bacharelado em Psicologia). Universidade do Vale do Itajaí, Biguaçu, 2012.
- OLIVEIRA, Valdir de Castro; OLIVEIRA, Daniela de Castro. **A semântica do eufemismo: mineração e tragédia em Brumadinho**. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, [S.l.], v. 13, n. 1, mar. 2019. ISSN 1981-6278. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1783>>. Acesso em: 06 oct. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.29397/reciis.v13i1.1783>.
- LIMA, Eduardo de Paula; ASSUNÇÃO, Ada Àvila. **Prevalência e fatores associados ao**

Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) em profissionais de emergência: uma revisão sistemática da literatura, 2010, Disponível em: https://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2011000200004

RAFALOSKI, Alessandra Rossoni. **Atenção psicossocial às pessoas em situação de desastre no município de Blumenau: ótica dos trabalhadores envolvidos**. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Saúde Mental e Atenção Psicossocial, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/188475>. Acesso em: 06 out. 2019.

SEVERO, A. **Boate Kiss – Mariana – Brumadinho: Ataques contra a humanidade e a natureza**. Contemporâneo Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade, Porto Alegre, Junho 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/Franc/Downloads/31-Texto%20do%20artigo-120-1-10-20191006.pdf>

SOUZA, K. M. O. **A análise da relação trabalho e saúde na atividade dos bombeiros militares do Rio de Janeiro**. 154 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013.

SOUZA, Kátia Maria Oliveira de. **A análise da relação trabalho e saúde na atividade dos bombeiros militares do Rio de Janeiro**. 2013. 152 f. Tese (Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/14361>

TOASSI, A. **Heróis de fumaça: um estudo sobre os sentidos do trabalho para profissionais bombeiros**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/91949/263127.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 ago. 2019.

Viviane Cristina Torlai, **A vivência do luto em situações de desastres naturais**, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/14965/1/Viviane%20Cristina%20Torlai.pdf>

ZHOURI, Andréa et al . **O desastre da Samarco e a política das afetações: classificações e ações que produzem o sofrimento social**. Cienc. Cult., São Paulo , v. 68, n. 3, p. 36-40, set. 2016. Disponível em <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000300012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 out. 2019. <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602016000300012>.

WANDA Maria J. A., **Reflexões A Partir Da Psicologia Sócio-Histórica Sobre A Categoria Consciência**, 2000, Doutora em Psicologia Social e Docente na Faculdade de Psicologia da PUC/SP. <http://www.scielo.br/pdf/cp/n110/n110a05>.